

O HINO NACIONAL E O HINO À INDEPENDÊNCIA

Joel Leão¹

Ao estudarmos a formação de nossa nacionalidade e a questão do Hino Nacional, queremos registrar um fato que pode, à primeira vista, ser desrespeito aos símbolos nacionais, mas não o é; referimos-nos à mudança do nosso antigo 1º Hino Nacional (hoje, Hino da Independência).

Em 1998, ano em que se comemorou os 200 anos de nascimento de D. Pedro I (12.10.1798), procuramos resgatar a memória do Proclamador de nossa soberania política, inclusive destacando o seu papel como unificador do nosso País, e o co-autor do nosso verdadeiro Hino Nacional, corrigindo esta injustiça com nosso antigo Imperador.

O antigo Hino Nacional do Brasil fluiu num tempo histórico, marcado pelas lutas na busca de soberania e na formação de nossa nacionalidade. Tanto a letra como a música de nosso antigo Hino Nacional representavam o momento histórico e o clima psicológico da formação de nossa nacionalidade.

Lamentavelmente, o antigo Hino Nacional foi mudado para o atual Hino, que teve a sua música composta por Francisco Manuel da Silva, em 1831, para comemorar a abdicação de D. Pedro I, o que foi um gesto antipatriótico, atingindo, assim, a memória histórica de nosso País, e um insulto ao nosso primeiro Imperador.

Este Hino foi, em princípio, conhecido com o nome de Hino de 07 de abril ou Hino da Abdicação e com uma antiga letra, na época composta por Ovídio Saraiva.

A letra do atual Hino Nacional foi escrita por Joaquim Osório Duque Estrada, em 1909. Portanto, 78 anos depois da composição de sua música. O Hino atual brasileiro, pela quilométrica letra, não foi composta para ser cantado. Como sobrou letra, a música tem que ser repetida para não deixar os versos de Duque Estrada órfãos de melodia.

1 Cineasta. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

O Si bemol (tom original da música) é considerado alto demais para voz humana. Para que se possa cantar os inúmeros versos do Hino, há necessidade de se acertar com a orquestra a execução em outro tom: o Fá maior, segundo avaliação dos ‘experts’, daí gerando a confusão de dois tons como uma decorrência na composição da música e letra terem sido composta com 78 anos de diferença. Realmente, o que Duque Estrada escreveu foi uma enorme poesia.

Por outro lado, a música do atual Hino, segundo alguns estudiosos no assunto suspeitam, foi um plágio da partitura (Matinas de Nossa Senhora da Conceição), do Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), uma das glórias da música erudita brasileira, o qual compôs mais de 500 peças, sendo mestre da Capela Real no Rio de Janeiro. Era neto de escrava, sendo sua maestria e performance repercutida na Áustria.

No século XX, alguns musicistas elevaram José Maurício Nunes Garcia à “Santíssima Trindade da música brasileira”, ao lado de Carlos Gomes e Villas Lobos.

Os musicólogos brasileiros Aldo Pereira, Marcelo Duarte, Marcelo Antunes Martins, Sergio Dias, Paulo Castagna, Marcelo Fargelände e outros levantaram a hipótese cada vez mais plausível de que o atual Hino Nacional é, na verdade, cópia do tema de Garcia e outros compositores como Franz Liszt (Árias – Don Sanches), Giovanni Pergolesi (La Selva Padrona).

Destaque-se que nessa época Francisco Manuel da Silva era copista e arquivista da Orquestra da Corte.

A música é uma forma de comunicação do espírito e expressão soberana dos sentimentos.

A bem da verdade, o atual Hino Nacional não retrata a fidelidade do momento histórico e o clima da psicologia das massas e o inconsciente coletivo do povo brasileiro. Sua música e sua letra composta em tempos diferentes levaram a uma aberração musical.

Por que a mudança do antigo Hino Nacional? Não encontramos razões plausíveis.

Destaque-se que foi o clima histórico de 1822 que plasmou a nossa alma nacional. Nações como França, Inglaterra, Canadá, que passaram por várias transmutações políticas, sociais e econômicas continuam com o mesmo Hino representativo daquele momento culminante de sua história, em que plasmava as suas nacionalidades.

Além do mais, o atual Hino Nacional é muito mais fruto do Positivismo que dominou a jovem República do que a expressão de nossa formação nacional.

O Hino Nacional atual também não resiste à crítica estilística de alguns aspectos elementares, pois na seleção vocabular, o autor inseriu palavras cujos significados são ignorados por muitos brasileiros (mesmo aqueles com instrução superior), exemplos: lábaro, garrido, impávido, flâmula, fúlgidos. Além da presença de cacófato (herói do brado).

Apresenta, ainda, ambigüidade como a construção da frase “deitado eternamente em berço esplêndido”, cuja afirmativa pode sugerir uma ufania e mesmo uma inércia do povo brasileiro.

Ressaltamos que, em ocasiões solenes vários brasileiros passam pelo vexame de não saber cantar todo o Hino Nacional pela sua longa extensão, como foi observado recentemente, com os jogadores brasileiros na Copa de 2002.

Todos estes fatos, além de ferirem o espírito e a alma soberana dos sentimentos patrióticos, geraram uma deformação histórica musical do nosso Hino Nacional.

O antigo Hino Nacional, hoje Hino da Independência, era a sublimação artística, política, histórica da Independência brasileira.

Nunca tivemos, portanto, o intuito de desrespeitar os símbolos nacionais, notadamente, o Hino Nacional.

O que pretendemos chamar a atenção, à luz da História e da Sociologia Política, é a descontinuidade evolutiva do atual Hino Nacional Brasileiro, é a descontinuidade evolutiva do atual Hino Nacional Brasileiro, fato que não ocorreu em relação à evolução histórica da formação da nossa BANDEIRA, cujos traços e origens foram buscados desde a Casa Real Portuguesa até a caracterização da nacionalidade brasileira.

Não nos esqueçamos de que a Nação é a alma do Estado, a qual se baseia na consciência comum de suas origens, tradições, lutas etc, que geram uma solidariedade orgânica, produzem um amálgama ético, uma unidade histórica, (com diversidade cultural), uma hegemonia espiritual, uma consciência coletiva com uma unidade política.

Finalmente, como homenagem ao Proclamador de nossa Independência e do primeiro Hino Nacional Brasileiro, queremos declarar o seu espírito de estadista quando ele afirmava: Perder o povo é como perder a pátria.

Convém, por outro lado, ressaltar a palavras de José Bonifácio quando da abdicação de nosso primeiro Imperador, e a sua solicitação para assumir a tutela de D. Pedro II:

Não posso recusar um pedido de um Monarca neste momento de aflição.

Curiosa figura de D. Pedro I, cheia de contradições. Um liberal que se tornou um absolutista; um monarca que renunciou a dois tronos; um pai amoroso; um marido infiel.

Este imperador consolidou nosso vasto país, impediu que o Brasil se tornasse novamente uma colônia de Portugal e, principalmente, nos deu a nossa unidade e a nossa independência política.

Portanto, as nossas homenagens ao primeiro Hino Nacional e ao seu autor, D. Pedro I.

REFERÊNCIA

BOTELHO, Caio Lóssil. **Geografia Monística.**